

“CONSTRUTORES DO IMAGINÁRIO” os arquitetos sem diplomas

Amelia Zaluar

O artigo fala da inventividade de pessoas, em todas as partes do mundo, que, sem formação acadêmica, usam da imaginação para concretizar as fantasias que os dominam, na construção de suas casas, de uma maneira única, pessoal, original. A autora propõe chamar esse tipo de obra de arquitetura espontânea. Estão citados alguns dos artistas, arquitetos sem diplomas que, no Brasil, levantaram e decoraram, de maneira talentosa, suas moradias.

Palavras-chave: ARQUITETURA ESPONTÂNEA, CRIATIVIDADE, IMAGINÁRIO.

ZALUAR, Amelia. “Construtores do imaginário”: os arquitetos sem diploma. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 133-138, 2007.

Casa é o espaço destinado à habitação, é o lugar que nos abriga, que nos protege das forças da natureza superiores a nós, das tempestades, do sol inclemente, das chuvas, do frio, dos ventos.

Como símbolo, tem o sentido de refúgio, de proteção, de mãe, de seio materno. O estudo dos símbolos mostra que tudo pode assumir uma significação: objetos naturais (pedras, animais, homens, montanhas) ou feitos pelo homem (casas, barcos, carros, o triângulo, números). Ao transformar objetos ou formas em símbolos, enorme importância psicológica lhes é conferida e o homem expressa isso na religião e nas artes visuais, inclusive na arquitetura.

Nesta última, tradições culturais de milênios estão presentes, desde o uso de pedras enormes – monólitos – significando deuses, às construções de grande altura – igrejas, catedrais, pirâmides – quando a verticalidade representa a elevação do homem a uma esfera espiritual. Mandalas – símbolo universal da harmonia – aparecem em construções seculares e sagradas e no traçado de cidades medievais e mesmo modernas, como Paris, Washington, Belo Horizonte.

Na arquitetura de terra, as construções são feitas com o material mais natural, gratuito, retirado da natureza: são as técnicas da taipa, do adobe, do pau-a-pique. São milênios de um inteligente aproveitamento da terra em edificações presentes em um terço das habitações do mundo, seja nas regiões quentes ou frias, seja nas secas quanto nas chuvosas,

e isso ocorre até hoje, apesar do preconceito segundo o qual são coisa de pobre ou o habitat da miséria.

Só nas últimas décadas, após a exposição no Museu de Arte Moderna de Nova York – “Arquitetura sem Arquitetos” – em 1964, é que arquitetos, sociólogos, etnólogos e geógrafos começaram a reconhecer a importância dessa forma de expressão arquitetônica, até então desconhecida ou pouco conhecida, como afirma o arquiteto alemão Wolf Tochtermann (198-?). Segundo ele, não há razão para se desprezar materiais baratos como o adobe, o barro e o bambu, nem há motivo para se considerá-los próprios do subdesenvolvimento.

Métodos tradicionais de construção não afastam a existência da criatividade individual de seus donos. Como exemplo, numa aldeia na Mauritânia, na África, todos os anos, depois da colheita do milho, repete-se uma tradição secular: as mulheres refazem, com os dedos e tintas fabricadas com corantes vegetais, a pintura das fachadas com desenhos que expressam crenças, profecias, e sentimentos como medo e alegria. As técnicas da pintura e os desenhos são ensinados de mãe para filha, durante um período de iniciação no qual as meninas não saem de casa.

Com pedras, barro, cimento, construídas na horizontal ou na vertical, com um ou mais andares (há edifícios na África com sete ou oito andares, construídos em pau-a-pique), a casa do homem do povo sempre conta sobre sua cultura, sobre as tradições locais, mas diz ainda da criatividade de seus donos,

de sua liberdade no ato de criar.

Vejam agora as habitações nascidas da fantasia de algumas pessoas, em geral iletradas, com pequena ou nenhuma educação formal, desligadas portanto de compromissos com regras acadêmicas ou modelos oficiais, sem conhecimento da arte mundial, cujas obras não nascem em pranchetas e não são ensinadas em escolas de belas-artes e universidades. Pessoas, que, obsessivamente, durante décadas, criam, de forma original, só para si mesmas, com o material que têm à mão, sem planos ou projetos pré-programados. Mostram sua visão interior, pessoal, com o objetivo de deixar uma marca no mundo. Sua singularidade é impossível de ser captada e aceita por regras sociais e políticas que massificam e robotizam. São produtos dessa natureza, espalhados pelos quatro cantos do planeta, as casas exóticas, que instigam pela originalidade, pela ingenuidade e também pela ousadia, por uma pitada de loucura... São obras únicas, que coexistem, concretamente, com a poesia. Casas nascidas das idéias de seus criadores, fruto da elaboração do consciente e, ao mesmo tempo, manifestação do inconsciente. Como conseqüência, seus autores são, muitas vezes, vistos como excêntricos ou loucos, fruto do preconceito, muito comum, contra tudo o que é diferente ou novo.

O Surrealismo, movimento cultural surgido em 1922, na Europa, tinha como máxima devolver ao homem a capacidade poética da qual foi despojado, pressionado pela dura realidade da vida, treinado a se reprimir por normas sociais,

censurados em seus desejos e pulsões. Os surrealistas propunham a prática da poesia, entendida como criatividade: queriam devolver o homem à sua pureza inicial, armá-lo com o poder da imaginação, a potência do desejo, a energia da liberdade. André Breton, fundador do movimento, dava ênfase à criação dos “inspirados”, pessoas que, na construção de suas moradias, sentiram a necessidade imperiosa de materializar um conjunto de fantasias que representavam sua visão peculiar do mundo. Entre esses visionários, os “construtores do imaginário”, muito admirados pelos surrealistas, estão na França o carteiro Cheval e seu Palácio Ideal, em Hauterive; o funcionário de um cemitério, Raymond Isidore, e La Maison de Picassiete, em Chartres; Robert Tatin e a Frênouse, em Cossé-le-Vivien; Robert Vasseur e La Maison aux Papillons em Louviers, e, em Chandigarh, na Índia, Nek Chand e o Jardim de Pedra. Na arquitetura erudita desponta Gaudí, que revolucionou e criou uma arquitetura de caráter escultórico, deixando em Barcelona prédios belíssimos e extravagantes. Livros de arte e documentários já se ocupam do tema arquitetura espontânea. Em nosso país, o estudo dessas manifestações culturais ainda é incipiente. A obra de alguns arquitetos sem diplomas, suas casas e jardins em nosso país são:

Donas Romana

Dona Romana, sessenta e cinco anos, semi-analfabeta, criou uma construção surreal em Natividade, no Tocantins, a

250 km de distância da capital. Ouve vozes que guiam sua produção. São seus guias curadores e seus santos, anjos, estrelas, cruzeiros, animais e símbolos que ela mesma não consegue explicar. Usa a pedra-canga (porosa). Diz que tem contato com extraterrestres e viaja para outros planetas.

Cícero Alves dos Santos, o Véio

Vive em Nossa Senhora da Glória, Sergipe. No sítio Soarte cria esculturas em madeira (mulungu, jurema).

Geraldo Simplicio, o Nêgo

Vive em Friburgo, Rio de Janeiro, no Campo do Coelho, a 13 km da cidade, na estrada Friburgo–Teresópolis.

Descobriu, por acaso, a técnica, que lembra a topiaria, mas modela na terra e cobre a escultura com o musgo, evitando a erosão. Planta, rega, poda. São esculturas vivas: presépio, bebê, mulheres, animais, velhos, retirantes...

Estêvão Silva da Conceição

Mora na favela de Paraisópolis, no bairro do Morumbi, na cidade de São Paulo. É jardineiro e porteiro. Cansado de observar o cinza na favela, resolveu embelezar sua moradia. Parece uma teia de aranha: paredes sinuosas, ângulos quebrados, uma escada totalmente irregular direcionada para todos os lados.

Usa cacos, xícaras antigas, relógios, bôtons, pratos, pedras para a decoração surreal. Em seu jardim suspenso, três andares acima, plantou árvores frutíferas, e colhe pitangas, jabuticabas, romãs. Tem ainda plantadas ervas e flores (orquídeas). Iniciou sua obra há 23 anos.

Gabriel Joaquim dos Santos e a Casa da Flor

Em 1912, em São Pedro da Aldeia, município do Estado do Rio de Janeiro, Gabriel Joaquim dos Santos (1892-1985), negro e filho de ex-escravo e de índia, começou a construir só para si uma casa pequenina, para cumprir a “intuição” de que teria que viver sempre sozinho. Trabalhando nas salinas e roças próximas, foi erguendo aos poucos seu lar, composto de três cômodos apenas – sala, quarto e um depósito para guardar quinquilharias. Terminada a obra, veio-lhe, no ano de 1923, por meio de um sonho, a idéia de enfeitá-la. Mas não tinha recursos para comprar o material necessário. “Então, ‘matutando’, decidiu concretizar aquelas visões com o refugio das construções próximas, com coisas imprestáveis jogadas no lixo, e fazer ‘uma casa do nada’”.

A partir daí, com cacos de garrafas, de pratos, de xícaras, de azulejos e de telhas; com pedras, conchas, ossos, lâmpadas, bibelôs e outros objetos quebrados, por vezes insólitos, garimpados nos montes de lixo e selecionados, sem preconceitos, por sua singularidade e beleza, começou a criar enfeites diversos,

embelezando a moradia com flores, mosaicos, “bordados”, luminárias, colunas e nichos. Inventava luminárias com lâmpadas queimadas; nichos para proteção de umosso de baleia e de umbibelô mais bonito; molduras para retratos afixados à parede; uma estante, chamada por ele de “altar dos livros”; bancos e armários de alvenaria cobertos de cacos de louça. Gravava ou moldava com cimento inscrições para assinalar os trabalhos mais significativos. Uma composição de riqueza plástica surpreendente, o barroco intuitivo criado por um artista marginal e solitário. Como um alquimista, ao transpor os materiais mais grosseiros à categoria de arte, Gabriel se incorporava ao grupo de artistas inovadores – Picasso, Miró, Braque, Paul Klee, Kandinski – que, no início do século 20, revolucionaram conceitos de arte até então vigentes. Toda essa ornamentação fantástica foi surgindo de suas “visões” e sonhos, sem projetos e planos rígidos a serem obedecidos. Dizia: “sonho pra fazer e faço”. Com o material restrito que possuía, Gabriel improvisava sempre, compondo uma grande variedade de conjuntos, que não se repetiam. Nessa “bricolagem” sem fim, ao sabor de uma prodigiosa imaginação e totalmente desprovido de preconceitos em relação aos materiais, foi decorando os espaços vazios até sua morte, já com 93 anos de idade e praticamente cego.

Melhor do que ninguém, ele explicava o impulso em busca do prazer que o movia nesse esforço que durou 63 anos:

“De noite acendo um lampião, me sento nessa cadeira, ó que

vida, ó que alegria pra mim... Quando acendo a luz e vejo tudo prateado de noite, fico tão satisfeito! Eu mesmo faço, eu mesmo fico satisfeito, me conforta. Tudo caquinho transformado em beleza!”

Sua firme preferência pelos materiais rejeitados por todos pode ser considerada natural nos dias de hoje, com a compreensão recente que se tem de que a reciclagem de materiais impõem-se com elemento de harmonização do homem com o meio ambiente, mas, em 1923, fez com que Gabriel fosse visto com “fraco das idéias”.

No Brasil, a Casa da Flor vem tendo, muito lentamente, sua beleza e importância reconhecidas, embora alguns dos nossos mais brilhantes intelectuais já tivessem manifestado sua admiração pela poética obra, como Ferreira Gullar, Alcides da Rocha Miranda, Carlos Scliar, Nise da Silveira, Lélia Coelho Frota, Carlos Byington, Ítalo Campofiorito, Affonso Romano de Sant’ Anna. Para Ariano Suassuna, a Casa da Flor é uma das obras mais importantes de arquitetura brasileira, um exemplo para os arquitetos brasileiros de formação universitária.

É preciso aprofundar a discussão sobre esse tipo de criação popular e iniciar um movimento que seja a semente de um novo olhar, um olhar sem preconceitos para as ricas, tão esquecidas e pouco valorizadas manifestações culturais do homem simples, entre as quais sobressai sua fantástica arquitetura.

O arquiteto/construtor, artista/operá-

rio, autor e único morador da Casa da Flor conseguiu em vida integrar devaneio e realidade, pôde materializar sua emoção, habitar seu sonho. Sua moradia é um organismo vivo, um corpo, um coração. É a concreta expressão de uma alma poética.

Sugestões de leitura

ARQUITETURA DETERRA ou o futuro de uma tradição milenária. Centre Georges Pompidou, Centre de Création Industrielle. Rio de Janeiro: Avenir Editora, [198-?].

BOERCI, Mariella. África: as cores da alma feminina. Passagen. *Das Magazin Fur die Schonste Art Des Reisens*. Nov. 2004.

JUNG, Carl G. *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

PONGE, Roberto (org.). *Surrealismo e o Novo Mundo*. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRG, 1999.

SCHAEWEU, Deide von. *Fantasy worlds*. Los Angeles: Tachen America, 1999.

SCHUYT, Michael *et alii*. *Fantastic archiecture personal and excentric visions*. New York: Harry N. Abrahms. Inc. Publishers, 1980.

ZALUAR, Amelia. A Casa da Flor, uma tentativa de compreensão. In: ARAÚJO, Emanuel (org.). *A mão afro-brasileira, significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo: Tenenge, 1988.

_____. *A Casa da Flor: tudo caquinho transformado em beleza*. (inédito).

_____. Os construtores do imaginário – a casa como expressão do ser. Clínica Pomar: Rio de Janeiro, 1997. (Palestra proferida no Encontro de Arteterapia).

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

TOCHTERMAN, Wolf. Arquitetura sem arquitetos. *O Correio da Unesco*, [198-?].

Amelia Zaluar é professora de Arte Popular e Arte-Educação.

